



PrimaLuna Dialogue Two

Uma ligação perigosa...

Há já algumas (bastantes!) «lunas» tinha contactado com a série Prologue aqui na *Audio e*, na altura, já tinha ficado arrebatado pela qualidade que apresentava, em especial tomando em conta o seu preço. Cerca de três anos mais tarde, chegou, finalmente, o Dialogue Two, para meu deleite pessoal.

Este amplificador integrado a válvulas representa a proposta *cost-no-object* da marca holandesa. Sem se tratar de

um assalto à carteira, o seu preço é ainda assim respeitável, especialmente quando a situação económica dos portugueses em geral vive momentos de ansiedade e alguma apreensão quanto ao futuro imediato...

Estou a assentar a maior parte destas linhas precisamente no dia em que Luciano Pavarotti deixou este mundo e, apesar da tristeza que perpassa a alma dos amantes da música lírica em especial, não consigo deixar de pensar

que, graças a este maravilhoso *hobby*, para muitos quase uma obsessão, é com a alta-fidelidade que podemos verdadeiramente dizer que algumas pessoas nunca morrem, somente deixam de estar fisicamente presentes.

Peço desculpa por roubar este parágrafo à análise do PrimaLuna, mas neste momento preciso de dizer «Obrigado» a este cantor que marcou, de diversas formas, parte do séc. XX, no que à música e acções de solidarie-

TESTE PrimaLuna Dialogue Two

dade diz respeito. A música lírica, com todo o elitismo e snobismo com quem muitas vezes anda de mãos dadas, graças a Pavarotti conheceu uma projecção que dificilmente voltará a ocorrer tão cedo, dada a forma como conseguiu envolver toda a comunidade musical ao ponto de conhecer *tops* de vendas de discos em inúmeros países do Mundo e, facilmente, colocar miúdos e graúdos a cantarolar algumas das árias mais maravilhosas, das quais a maior parte das vezes as pessoas nem sabem identificar quem as escreveu ou o seu nome. A paixão com que facilmente contagiava o seu público fê-lo inscrever o seu nome no Livro de Recordes do Guinness, graças às 165 chamadas ao palco...

De regresso à matéria em apreço, este Dialogue é um bicho que mete respeito logo à primeira vista. Com o seu design *old school*, transmite imediatamente a mensagem que trabalha a válvulas e que não pertence a uma classe qualquer – é um aparelho de *high-end* pois os seus acabamentos exteriores exultam nível e qualidade. Quando lhe revistamos o interior, a construção inteiramente manual e ligações ponto-a-ponto no circuito, aliadas a componentes da mais elevada qualidade, poucas dúvidas poderão deixar quanto à sua capacidade e prestações: potenciômetro de volume ALPS, condensadores Nichicon, Realcap e Solen, transformadores que



exultam robustez e estabilidade... enfim, não me pareceu que tivessem ficado de parte quaisquer pormenores de construção que não transmitam uma aposta fortíssima por parte destes holandeses em marcar presença de peso nos modelos de «referência».

O Dialogue Two conta com válvulas KT-88, para comprovar que não é por acaso que este é o integrado de topo da marca. Até muito recentemente, eram meninas que não me caíam muito no goto, mas algo está a mudar na forma como se tem vindo a dar a volta ao texto quanto à sonoridade destas pequenas garrafinhas incandescentes... num passado muito

recente já tinha tido oportunidade de passar horas muito agradáveis com outras máquinas que, também elas, confiavam nas KT-88 para traduzir as suas melhores performances.

Por falar nas ditas cujas, a PrimaLuna possui um sistema próprio de, vamos chamar-lhe, manutenção de válvulas, denominado Adaptive Autobias – basicamente, o circuito opera controlando automaticamente o *bias* das válvulas, dispensando multímetros, que quase ninguém sabe bem o que fazer com eles quando são precisos, ou qualquer outro tipo de sistema de leitura e ajuste manual. O sistema parece ser tão eficiente que o proprietário de um Dialogue pode inclusivamente correr válvulas não emparelhadas no amplificador, indo ao extremo de poder ter KT88s em *cocktail* com EL34s. Dois pares de, 12AX7 e de 12AU7 completam o arsenal deste integrado.

O Dialogue Two pode correr em modo ultralinear ou tríodo, debitando uns generosos 38 ou 21 Watt, respectivamente. O produto desta análise reflecte audições realizadas em ambos os modos – pessoalmente, o modo tríodo foi o que mais me agradou, pelo que a grande maioria das notas foi tirada neste contexto.

Associado às minhas fiéis Dunlavy SC-II e ao transporte/conversor Audiolab 8000CDM/8000DAC, aqui fomos nós directos a uma viagem inesquecível...





O comprador de um Dialogue Two espera, certamente, pelo preço pedido, uma performance de topo, pelo que eu também não «exijo» menos, até porque já tenho experiência prévia com outros modelos da marca onde, como se costuma dizer, a fama os precede.

As primeiras impressões são as que mais nos marcam, e isto não se aplica somente às pessoas. Deste modo, o saltar da música pelos cones das colunas de forma quase inacreditável foi o que de imediato ficou registado nas minhas notas. Tinha a caixa do Keith Jarrett e as suas sessões na Blue Note, e a abertura destas sessões ao vivo traz toda uma atmosfera para diante, que me arrebitou de imediato os sentidos para uma série de discos que já estava careca de ouvir. Para além desta imediatez, a forma como as notas decaem para as profundezas da sala é igualmente impressionante. Não foram precisos mais do que uns 15 minutos para perceber o que o Dialogue Two era capaz de fazer aos meus discos favoritos. Há já muito, muito tempo que um amplificador não tinha este nível de desempenho

cá em casa, pelo que acabei por ouvir TODOS os meus discos favoritos com este PrimaLuna – é tão bom quanto isto! Aliás, acabei até por ouvir outros discos que nem de perto nem de longe tenho na lista de Top 20...

Simon & Garfunkel em *Scarborough Fair*, gravado bem antes de eu nascer, não deixou senão um sentido de espanto quando voltei a escutar esta faixa. A música flui da maior escuridão, beeeeeem lá do fundo. Mas isto alguns outros amplificadores conseguem fazer. O mais notável é a precisão e o ataque cristalino – sem qualquer traço de rigidez – do sino, a integralidade da sua estrutura harmónica, a delicadeza do cair da nota num fundo dos mais profundos que possa imaginar, e isto já muito poucos conseguem fazer.

Podemos seguir a via da dissecação da prestação sonora do Prologue Two, ou seguir a via da exclamação do quanto reais o integrado consegue fazer soar instrumentos mas, quando começamos a nos deixar embalar pelas vozes do dueto, há coisas novas a sair do lado dos *bits* e dos *bytes*; há uma palpabilidade e

uma tridimensionalidade que projectam cada uma das vozes no mais belo 3D. Cada elemento musical nesta faixa aparece com uma grande segurança em termos... físicos, uma delicadeza, a complexidade harmónica que evolui sem restrições e que confere o verdadeiro sentido do que a música deve ser num sistema de reprodução electrónica.

No meu sistema, não tenho quaisquer dúvidas que este Prologue Two não só faz soar a música de forma «diferente», como também, fundamentalmente... melhor. Há qualquer coisa que torna o fluxo da apresentação musical num *continuum* etéreo e objectivamente evidente. Nos últimos anos têm rodado cá por casa muitos e bons amplificadores, a transístores, a válvulas, híbridos, mas este PrimaLuna tem algo de mágico na forma como consegue devolver vida aos discos.

O que mais me maravilhou durante as curtas semanas em que o PrimaLuna cá esteve em casa não terá sido um qualquer parâmetro sónico em que o Dialogue se tenha destaca-

TESTE PrimaLuna Dialogue Two

do com particularidade, mas antes a forma inelutável e credível com que toca qualquer disco. Mais, qualquer disco e a qualquer pressão sonora. Nunca tinha ouvido um amplificador a válvulas, seja integrado seja em separados, seja barato seja o mais caro, que conseguisse tocar bem com o potenciômetro de volume no máximo. É verdade. É quase incrível também... mas o bicho não se atrapalha absolutamente nada quando queremos mostrar ao nosso bairro que ouvir música pode ser uma experiência maravilhosa e libertadora. A volumes reduzidos, a imagem apresentada aparece, e sente-se, como realista, tal como acontece quando rodamos tudo para a direita – o que acontece quando toca mais baixinho é que a música soa um pouco mais distante.

O PrimaLuna é capaz de apresentar um palco GRANDE – largo e particularmente profundo. As reverberações de baixo nível parecem é emergir um pouco mais na escuridão do que é expectável. Qualquer amplificador de topo é capaz de produzir um certo grau de tridimensionalidade, mas resulta da minha experiência com o PrimaLuna a apresentação mais convincente, credível, sólida e *ao vivo* que já ouvi. Ele como que nos *obriga* a ouvir a música.

Vou-me repetir, mas o Dialogue Two destaca-se de todos os outros na apresentação musical, graças à forma natural, livre e sem esforço com que mexe os cones das colunas. Voltando às sessões da Blue Note, o PrimaLuna apresenta o piano da forma mais próxima da realidade que tenho ouvido de um sistema estéreo. Se o leitor tiver oportunidade de ouvir este aparelho, certifique-se que leva consigo



o seu disco favorito de piano – essa experiência deverá ser mais do que suficiente para lhe dizer praticamente tudo o que precisa de saber acerca das capacidades paranormais deste integrado, em termos de apresentação harmónica, dinâmica e transitórios. O grau de prestação deste PrimaLuna na reprodução de pianos é de tal ordem que tremo quase de pensar do que será capaz com um bom disco de vinilo em cima de um gira-discos de referência – que pena não ter um equipamento deste nível à mão de semear para tirar esta dúvida com a qual terei de viver até momento incerto.

O PrimaLuna encontra-se num plano de apreciação musical que nos leva para além da procura do suporte linguístico mais adequado para descrever do que é capaz, elevando-nos, e à música, a um plano mais objectivo, onde não há palavras para descrever o óbvio – este aparelho merece um lugar na lista dos clássicos, quando sabemos que é possível gastar muito mais dinheiro para não obter muito mais de um amplificador quase perfeito.

É esta a razão porque não entro em pormenores de natureza descritiva do que ele faz «aqui» e «ali». Vou somente abrir a excepção para o caso do grave. Uma das críticas tipicamente elegidas pelos *detractores* das válvulas é o grave curto ou gordo... o Dialogue Two tem um desempenho singular: produz extensão até ao fundo, peso, controlo, textura, dinâmica, autoridade e, especialmente, agilidade de uma forma como só ouvi em sistemas de muitos zeros no preço. Isto quer dizer que o PrimaLuna sabe *rockar*, e de que maneira, revelando um mundo de informação harmónica, dinâmica e espacial anteriormente escondida algures nos recônditos mais obscuros de um disco compacto. Fica-se com a sensação que somos ultrapassados por uma delicada avalanche que, paradoxalmente, arrasa com tudo à sua passagem. Uma máquina absolutamente obrigatória!

Preço: 2.400,00 €

Representante: Imacústica

Tel.: 22 537 73 19